



## A INTERFACE LINGUAGEM E TECNOLOGIA: UM OLHAR A PARTIR DOS NOVOS ESTUDOS DO LETRAMENTO

## THE LANGUAGE AND TECHNOLOGY INTERFACE: AN OVERVIEW BASED UPON NEW LITERACIES STUDIES

Ana Paula Domingos Baladeli<sup>1</sup>  
Aparecida de Jesus Ferreira<sup>2</sup>

**RESUMO:** A popularização da web 2.0 evidencia a consolidação de um novo *ethos* discursivo que além de favorecer a interação, possibilita a criação de grupos sociais e afirmação de identidades. Na perspectiva dos estudos do letramento, as práticas discursivas na *web* ou fora dela não são homogêneas visto que congregam valores e crenças sedimentados em diferentes visões de mundo. Sendo assim, objetivamos com essa revisão da literatura retomar as concepções de letramento e de identidade em face ao crescente uso da web como locus não neutro onde aspectos identitários e culturais se constroem. Para isso dialogamos com autores que abordam a especificidade dos novos letramentos digitais e a ascensão do ciberespaço como arena para novas práticas sociais de leitura e de escrita. A metodologia deste estudo é bibliográfica e partir dela articulamos as práticas de leitura na web com os pressupostos do letramento crítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem, tecnologia, novos estudos do letramento, letramento digital.

**ABSTRACT:** The popularity of Web 2.0 show the consolidation of a new discursive ethos that besides favouring the interaction, allows the creation of social groups and affirmation of identity. In view of studies of literacy, discursive practices on the web or elsewhere are not homogeneous as gather constructed values and beliefs in different worldviews. Therefore, we aimed to retrieve this literature review the concepts of literacy and identity in the face of the growing use of the web as non-neutral locus where identity and cultural aspects are built. For this we dialogue with authors who address the specificity of the new digital literacies and the rise of cyberspace as an arena for new social practices of reading and writing. The methodology of this study is to articulate the literature and from it reading practices on the web with the assumptions of critical literacy.

**KEY WORDS:** language, technology, new literacies studies, digital literacies.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Letras - Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Bolsista CAPES. Professora colaboradora no curso de Pedagogia UNIOESTE campus de Cascavel.

<sup>2</sup>Doutora em Educação de Professores pela University of London - Inglaterra Professora Adjunta da UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa



## Introdução

No cenário atual, o uso exponencial da rede mundial de computadores – Internet, uma das mais representativas tecnologias da informação e comunicação tem viabilizado a criação de espaços alternativos de comunicação e participação social (BUZATO, 2010; MOITA LOPES, 2010; GEE, HAYES, 2011). Na mesma proporção em que surge nas páginas da *web*, interface gráfica da Internet, um volume considerável de novas redes sociais, cresce também o interesse dos pesquisadores pelos novos letramentos digitais (LANKSHEAR, KNOBEL, 2007; MOITA LOPES, 2010; GEE, HAYES, 2011).

Assim, a intersecção de linguagem e tecnologia tem sido recorrente em pesquisas e eventos uma vez que reflete a crescente população das práticas de escrita e de leitura mediadas por tecnologia despertando assim o interesse pelas implicações metodológicas que a inserção dessas práticas desencadeia na prática escolar (BRAGA, 2005; MARCUSCHI, 2005; 2007).

No presente estudo, objetivamos corroborar nas análises do uso da linguagem na *web* dialogando com autores que consideram a interface linguagem e tecnologia como um novo *ethos* discursivo de participação social (BUZATO, 2007; MOITA LOPES, 2010; GEE, HAYES, 2011). Para isso, fundamentamos nossas reflexões nos pressupostos do letramento crítico como aporte teórico (STREET, 1995; 2003) a fim de delinear de maneira restrita o letramento digital como um conjunto de conhecimentos e práticas leitoras que contempla a pesquisa e o uso da informação tendo como ponto de partida o contexto social e cultural de produção e de uso da linguagem (LANKSHEAR, KNOBEL, 2007).

O crescente uso da *web* como fonte de informação e canal de interação provoca o surgimento de novos arranjos e gêneros textuais/digitais que ao explorarem as funcionalidades da tecnologia como a interatividade e a convergência das linguagens (verbal, visual e sonora) instauram novas práticas de letramento (MARCUSCHI, 2005, 2007). Em um artigo sobre leitura e escrita na cibercultura Soares (2002) enfatiza que a mudança na tecnologia que suporta a escrita e com a qual interagimos quando da leitura altera “[...] os efeitos sobre o estado ou condição de



quem as utiliza”, o que inevitavelmente requer novos *letramentos* no plural (SOARES, 2002, p. 155).

Na condição de práticas sociais, os novos letramentos digitais evidenciam as produções culturais, institucionais, políticas, sociais e pessoais retratando diferentes discursos, interesses e identidades (BUZATO, 2010). Diante disso, em termos educacionais seria importante pensar os novos letramentos como reflexo da evolução da língua e da tecnologia e, que na condição de produções sociais e culturais são permeados por interesses e ideologias. Assim, na perspectiva social da linguagem as práticas pedagógicas poderiam representar espaços privilegiados de acesso, de estudo e de reflexão acerca do uso da linguagem em ambiente virtual. Para isso, a formação do professor precisa também contemplar o estudo do tema, mas não como uma disciplina isolada na matriz curricular e, sim como um tema transdisciplinar relevante a todas as áreas de conhecimento em que a linguagem é objeto de ensino.

Segundo Marcushi (2005); Cope, Kalantzis (2000); Moita Lopes (2010), a *web 2.0* tem difundido novos arranjos discursivos que requerem a adequação do que compreendemos por práticas de leitura e de escrita. Em decorrência de sua natureza essencialmente colaborativa a *web* tem sido apontada como a mídia propulsora de novas práticas sociais de leitura, de escrita e de participação política, sobretudo, por meio da interação verbal que ocorre em diferentes redes sociais. No bojo da natureza colaborativa da *web 2.0* “[...] os novos letramentos digitais, pode ser compreendido como espaço de discussão, de reinvenção social, de agenciamento e de transgressão” (MOITA LOPES, 2010, p. 394).

Nas páginas da *web* observa-se tanto o crescimento de gêneros textuais híbridos que incorporam características de gêneros existentes fora do ambiente virtual, como também a criação de novos gêneros que demandam novas formas de leitura (COPE, KALANTZIS, 2000; SANTAELLA, 2004; XAVIER, 2009; GOMES, 2010). Em decorrência dessa mutação os gêneros ou textos criados *na* ou *para a web*, (Blog, e-mail, *Chat*, lista de discussão) apresentam como características composicionais a interatividade, a conectividade e a convergência das linguagens em suas diferentes modalidades (verbal, visual e sonora). O caráter inovador dos gêneros que surgiram com o advento da tecnologia digital está na possibilidade de inserção de recursos visuais e sonoros e assim “poder chegar a uma interação de imagem, voz, música e linguagem escrita numa integração de recursos semiológicos” (MARCUSCHI, 2005, p. 33). Dessa



forma, os gêneros digitais instauram novas demandas tanto para a escrita quanto para a leitura, uma vez que, para serem compreendidos exigem que o leitor/navegador compreenda os novos arranjos textuais e a partir deles tenha condições de encontrar, organizar, usar a informação e avaliar a relevância desta de acordo com seu interesse (LANKSHEAR, KNOBEL, 2007).

As mutações do uso da linguagem em face às funcionalidades da tecnologia virtual provocam reflexões acerca das implicações educacionais das mesmas, uma vez que, a leitura e a escrita que se realizam nas chamadas redes sociais evidenciam convenções próprias deste espaço de interação, instaurando, portanto novos letramentos digitais.

No que diz respeito aos novos letramentos digitais, para Lankshear e Knobel (2007), o termo letramento digital refere-se à capacidade de o sujeito compreender e usar a informação em múltiplos formatos a partir de uma ampla gama de fontes de informação. Conforme Lankshear, Snyder, Green (2000), a visão de letramento digital com foco nos aspectos meramente tecnológicos restringe nossa compreensão sobre a dimensão social e cultural que as tecnologias engendram, tornando-se necessária a ampliação das análises a respeito das atividades de linguagem que por ela é mediada.

A partir disso, acreditamos que o letramento digital remete de forma restrita a um conjunto de habilidades necessárias para que os sujeitos possam interagir e agir pela linguagem mediada pela tecnologia desde que associado a reflexão sobre a influência da cultura na produção/recepção da leitura. Vale ressaltar ainda que na perspectiva dos novos estudos do letramento crítico o termo letramento precisa ser compreendido no contexto de práticas de leitura e de escrita. Em entrevista à Revista Língua Escrita, o pesquisador Brian Street (2009) admite que diante da utilização indevida do termo letramento como sinônimo de habilidade, indo de encontro aos propósitos abrangentes dos estudos do letramento crítico Street (2003, 2009) vê-se compelido a restringir o termo às práticas de leitura e escrita. A partir de sua pesquisa na Open University<sup>3</sup> sobre letramentos acadêmico Street (2009) concluiu que a leitura não pode ser entendida como o desenvolvimento de um conjunto de habilidades transportáveis para qualquer texto, disciplina ou contexto, já que, para o pesquisador, toda atividade de leitura reflete uma leitura em particular permeada por aspectos culturais e sociais. Tomando as reflexões de Street

<sup>3</sup> Universidade na Inglaterra. Na ocasião o objeto de sua pesquisa em parceria com Mary Lea foi investigar os procedimentos das práticas de leitura e de escrita introduzidas para os acadêmicos de diferentes cursos.





(2009) como ponto de partida, entendemos também que no ambiente virtual toda atividade de leitura e de escrita pressupõe uma prática que se dá antes no contexto social. Sendo assim, os significados são socialmente construídos em interações nos diferentes espaços de interação abrigados na *web*. Para fazermos essa discussão acerca da interface linguagem e tecnologia na perspectiva do letramento crítico em primeiro lugar discutiremos sobre os pressupostos do letramento crítico. Em segundo lugar, abordaremos questões sobre hipertexto e letramento digitais e finalmente trazemos as considerações finais sobre o tema linguagem e tecnologia.

## 2- Os novos estudos do letramento

Os estudos do letramento ganharam evidência no final da década de 80. Até então, a concepção de alfabetização como aquisição e ensino da tecnologia da escrita era tema recorrente nas pesquisas. A ampliação do conceito de alfabetização para o de letramento tal qual vigora recentemente se deu a partir da tradução do termo *literacy* do inglês para o português como “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2010, p. 18).

Assim, com a ampliação do conceito de alfabetização incorporando a correlação da atividade de leitura e de escrita com as práticas sociais onde as mesmas ocorrem, cresceu o interesse pelo termo letramento como alternativa para compreender o uso da linguagem como resultado das inter-relações sociais (KLEIMAN, 2008).

Em linhas gerais o termo letramentos no plural tem sido apontado como o mais adequado para contemplar as práticas de leitura e escrita vigentes. Brian Street (1995) propõe a análise dos letramentos pela perspectiva da multiplicidade a partir do contexto social de produção e de uso dos discursos e, para isso, propõe dois modelos (autônomo e ideológico) para compreensão das práticas de letramento.



No modelo autônomo de letramento a escrita é autossuficiente, pois independe de seu contexto de produção e de uso. Na condição de tecnologia neutra a escrita representaria mais uma habilidade cognitiva de cunho pessoal do que uma prática social. “A característica de autonomia refere-se ao fato de que a escrita seria, nesse modelo, um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado” (KLEIMAN, 2008, p. 2008).

Conforme Street (1995), recentemente o aparecimento de trabalhos versando sobre o letramento desafiaram o modelo autônomo, uma vez que tentaram compreender o processo de letramento em termos de prática social concreta e como tal, envolto em significados, ideologias, crenças e valores produzidos por determinados grupos sociais. O modelo ideológico oferece uma visão mais ampla das práticas de letramento, estas vinculadas diretamente ao contexto cultural e social onde as mesmas foram produzidas. Diferente do modelo autônomo em que a tecnologia da escrita é independente, no modelo ideológico o letramento refere-se, sobretudo, às práticas sociais de uso da linguagem e não uma técnica neutra e cognitiva. Esse modelo parte do pressuposto de que os letramentos são práticas discursivas que dependem das inter-relações e das trocas dos sujeitos em diferentes espaços sociais (STREET, 2003; BUZATO, 2007).

Assim, na condição de sujeito histórico toda escrita e toda leitura reflete os significados e as crenças de um determinado grupo social num dado contexto de uso (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007). O letramento ideológico considera que toda prática de leitura e de escrita tem que ser compreendida a partir de seu contexto de produção este sempre permeado por questões ideológicas e por significados construídos a partir de uma determinada visão de mundo (STREET, 1995, 2003).

Na intersecção linguagem e tecnologia, de acordo com Moita Lopes (2010) e Mittmann (2010) a *web 2.0* possibilita que na vida as práticas sociais dos letramentos digitais desloque a questão do individualismo para o coletivismo rumo à colaboração e ao engajamento político. Nesse sentido, a tecnologia e os letramentos digitais a ela relacionados evidenciam a multiplicidade de discursos, de vozes, de atores, de grupos e de ideologias que veiculam na sociedade. Assim, as práticas sociais evidenciadas pelos novos letramentos digitais deveriam estar contempladas nos programas de formação inicial e continuada do professor a fim de ampliar o acesso às práticas de linguagem das quais os alunos vem fazendo parte. Outra razão para incluir o



tema nos espaços formativos do professor é que na *web* a convergência das linguagens imprime mutações significativas nas práticas de leitura e de escrita desencadeando mudanças significativas na forma como os textos são recebidos e interpretados, como por exemplo - o hipertexto.

### 3- Hipertexto e letramentos digitais

Considerando o aporte teórico do letramento crítico vale destacar as práticas de leitura e de escrita em ambiente digital na perspectiva de novos espaços sociais de contestação, de engajamento, de denúncia, de visibilidade para atores e grupos sociais (MOITA LOPES, 2010; MITTMANN, 2010). Devido à sua natureza interativa, fluida e, por permitir a combinação entre texto verbal, sonoro e visual, a *web* possibilita a construção de novos modos discursivos tendo o hipertexto o exemplo mais representativo.

Conforme Santaella (2004) para esse novo espaço discursivo torna-se emergente a formação de um leitor imersivo que tenha condições de produzir sentidos a partir da convergência das linguagens que se efetivam nos nós do hipertexto.

A leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis. É, pois, uma leitura topográfica que se torna literalmente escritura, pois, na hipermídia, a leitura é tudo e a mensagem só vai se escrevendo na medida em que os nexos são acionados pelo leitor-produtor (SANTAELLA, 2004, p. 49).

No hipertexto as escolhas realizadas pelo leitor bem como sua habilidade para interpretar as informações acessadas são determinantes para a produção de sentido. A leitura no hipertexto exige que os blocos de informações acessados pelos *hyperlinks*<sup>4</sup> sejam interpretados e transformados em um todo coeso e coerente, tarefa nada fácil já que o hipertexto “[...] acondiciona outros modos de enunciação, tais como as imagens em vídeo, ícones animados e sons, todos interpostos ao mesmo tempo na tela” (XAVIER, 2009, p. 123).

---

<sup>4</sup> Palavras-chave ou termos destacados ao longo do texto que possibilitam o acesso a outros textos e/ou informações em diferentes formatos.



Dado incontestável, a forma como se realiza a leitura no hipertexto não é a mesma do texto impresso, primeiro pelo fato de o texto ser apresentado em fragmentos unidos aos *links*; segundo, pela disposição do texto que para ser lido requer que a página seja rolada, como na leitura de um papel. Soma-se ainda o fato de que a leitura de um texto longo no computador é desconfortável e visualmente cansativa (BRAGA, 1999; BRAGA, RICARTE, 2005; GOMES, 2010). Inevitavelmente, com a constante evolução das tecnologias digitais, a atividade de leitura não se restringe apenas ao material impresso, com a sofisticação dos aplicativos da *web*, o livro ganha novos formatos e mídias. É o caso dos dispositivos portáteis com conexão à rede, o *Ipad*<sup>5</sup> o tablet da Apple ou o *Kindle*<sup>6</sup> da Amazon, ambos aparelhos com grande capacidade de memória que aproximam a experiência de ler na tela com a leitura feita no livro. Com tecnologia *touch screen*, os *tablets* permitem que as páginas sejam viradas imitando o manuseio do livro impresso, além disso, ações como procurar e selecionar termos, marcar página, mudar fonte e tamanho de fonte e disposição do texto na tela são algumas das facilidades apresentadas por essa tecnologia que pretensamente disputa a atenção dos leitores com os livros convencionais.

Na contramão das previsões sobre o fim do livro, a criação de diferentes espaços de socialização de leitura através do desenvolvimento de aplicativos sofisticados evidencia a necessidade do letramento digital para a compreensão dos novos arranjos textuais (SNYDER, 2008; BUZATO, 2010; LANKSHEAR, KNOBEL, 2007).

Conforme Snyder (1998), o hipertexto, organização textual não-linear permeado por conexões a outros textos e conteúdos só ocorre no suporte virtual. Snyder acredita que, ainda que um livro impresso convencional apresente elementos que possibilitem ao leitor “pular” de um conteúdo a outro através das informações do sumário, da capitulação e paginação, é somente *on line* que o leitor tem diferentes possibilidades de conferir, editar ou excluir conteúdos, marcando assim a diferença entre ser leitor dentro e fora da *web*.

Ainda sobre a especificidade de leitura mediada por tecnologia, segundo Santaella (2004); Xavier (2009) e Gomes (2010) está inerente ao processo de leitura no hipertexto a habilidade de

<sup>5</sup> Dispositivo portátil em formato de prancheta com interface gráfica amigável que dentre outras facilidades possibilita acesso à rede, o *download* de livros, visualização de fotos funções essas acessíveis por meio do toque na tela.

<sup>6</sup> Aparelho portátil produzido exclusivamente para leitura de livros e periódicos eletrônicos de propriedade da empresa de tecnologia Amazon.





produzir sentido a partir da convergência das linguagens isso porque ao longo das conexões a constituição não-linear do texto na web o torna multimodal por excelência. Para Gomes (2010) multimodalidade é refere-se as possibilidades de produzir sentidos a partir da interação de “[...] palavras, imagens e sons na hipermídia, isto é, em artefatos semióticos nos quais significantes em diferentes escalas de organização sintagmática estão ligados em redes complexas” (GOMES, 2010, p. 97).

Ao longo da leitura no hipertexto é possível acessar e conferir ao mesmo tempo informações nos mais variados formatos, como outros textos, infográficos, imagens, sons e vídeos. Conforme Snyder (2008), leitura e escrita são antes práticas sociais e por essa razão, só podem ser compreendidas a partir de um dado contexto quer seja cultural, político, econômico ou histórico.

O uso da linguagem mediada pelo computador e a comunicação que se materializa nas páginas *web* nos desafia a ponto de revisitarmos nossa concepção de texto e de leitura. Segundo Marcuschi “o hipertexto não pode ser tratado como um gênero e sim como um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas” (MARCUSCHI, 2005, p. 26).

Na perspectiva do letramento crítico, as práticas discursivas na *web* não são homogêneas visto que representam opiniões, valores e crenças de determinados grupos situados histórica e socialmente. Por essa razão, refletir sobre os novos letramentos digitais implica necessariamente fazê-lo com base nas práticas sociais de leitura e de escrita (BRAGA, 1999; LANKSHEAR, KNOBEL, 2007; MOITA LOPES, 2010; BUZATO, 2010). A *web* não se apresenta neutra, ao contrário, pelo fato de possibilitar a difusão de vozes de múltiplos atores sociais, as questões culturais e políticas sempre permearão as práticas de leitura e de escrita mesmo em ambiente virtual. Por essa razão, ao impulsionar novos espaços para o uso da linguagem e veiculação de ideias a *web* instaura novos letramentos que ainda não são contemplados pelas práticas educacionais (BUZATO, 2007; GEE, HAYES, 2011).

Mittmann (2010), em sua pesquisa sobre os movimentos sociais no ciberespaço analisou três sites de movimentos sociais relacionados aos trabalhadores com o objetivo de identificar a produção do discurso da ordem dos movimentos sociais e da ordem da tecnologia.



[...] a possibilidade de entrar nessa grande rede de significantes, fazendo circular vozes outras que não as parafraseadoras do discurso da ideologia dominante, tem permitido aos movimentos sociais a divulgação em grande escala de discursos de denúncias, as convocações ao internauta, o estabelecimento de relações de aliança com outros movimentos etc. (MITTMANN, 2010, p. 92).

Sua análise revelou que a construção dos sites foi norteada pela necessidade de inserção da voz dos movimentos sociais no ciberespaço, voz esta que nas práticas sociais de leitura e escrita nem sempre é evidenciada. Sendo assim, a construção dos sites previu o papel e o perfil do possível leitor/internauta e a partir disso adequou-se as escolhas discursivas, os tópicos, os *links*, os conteúdos e os arquivos disponibilizados no site a fim de que aquele espaço efetivamente representasse a voz dos movimentos sociais e a interlocução com o leitor/internauta.

### 3- Considerações finais

Conforme discorreremos ao longo deste estudo, a Internet tem possibilitado o surgimento de novos espaços sociais em que a interação se dá, sobretudo, por meio da escrita. Na mesma proporção em que a *web* amplia o acesso das pessoas à informação, esta tecnologia tem despertado o interesse de pesquisadores no que diz respeito às mutações no uso da linguagem e a instauração de novos modos discursivos.

Nesse sentido, acreditamos que os estudos do letramento crítico favoreçam a compreensão da interface linguagem e tecnologia por uma perspectiva social e cultural, uma vez que analisa as práticas sociais de leitura e de escrita com foco no contexto em que as mesmas são produzidas. Sendo, pois, a tecnologia um suporte para as novas práticas de linguagem, esta influencia sobremaneira na criação de espaços alternativos de interação e de divulgação dos discursos. Por essa razão, ao delinear os novos letramentos digitais o fazemos na tentativa de articular um conjunto de ações referentes ao manuseio da tecnologia como; a pesquisa, o uso da informação, a avaliação e a interpretação da mesma a partir de determinado contexto social e cultural realizado por sujeito ou grupos sociais que fazem do ciberespaço uma via para participação social.

Conforme discorreremos ao longo deste estudo objetivamos abordar a relação linguagem e tecnologia com a pretensão de favorecer a reflexão sobre o processo de leitura na *web*, a



hibridização das linguagens como novos *ethos* discursivo em crescente difusão. Acreditamos que as novas práticas sociais de leitura e de escrita que ocorrem na *web* demandam novos letramentos que contemplem o uso da linguagem como uma produção social, cultural e, sobretudo política. Tal como a língua, a tecnologia está em constante evolução o que requer o desenvolvimento de habilidades específicas que permitam alunos e professores realizar uma leitura proficiente e crítica a partir da interpretação de múltiplas linguagens. Para que isso ocorra, no entanto, os novos letramentos digitais devem ser contemplados nos espaços de formação inicial e continuada do professor na tentativa de que este reflita sobre a influência destes novos usos da linguagem na formação linguística, discursiva e política dos alunos. Isso porque, a *web*, mais do que favorecer o surgimento de novos espaços de interação possibilita a afirmação de identidades e a participação de diferentes grupos sociais, fator suficientemente relevante para motivar pesquisas e mobilizar as práticas pedagógicas rumo ao desenvolvimento de práticas sociais de leitura e de escrita na perspectiva do letramento crítico.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Denise B. *Aprendendo a ler na rede: a construção de material didático para aprendizagem autônoma de leitura em inglês*. VI Congresso Internacional de Educação a distância. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1999. Disponível em [http://www.abed.org.br/antiga/htdocs/paper\\_visem/denise\\_bertoli\\_braga.htm](http://www.abed.org.br/antiga/htdocs/paper_visem/denise_bertoli_braga.htm) acesso em 10/03/2010.

\_\_\_\_\_. Hipertexto: questões de produção e de leitura. 52º Gel. *Revista Estudos Linguísticos*. Unicamp, SP. XXXIV, 2005. p.756-761. Disponível em: <http://www.profdamasco.site.br.com/hipertextoProducao.pdf> acesso em 16/04/2011.

\_\_\_\_\_; RICARTE, Ivan L.M. *Letramento e tecnologia*. Coleção Linguagem e letramento em foco. Cefiel/IEL/Unicamp. São Paulo: Campinas, 2005.

BUZATO, Marcelo El K. Novos letramentos e apropriação tecnológica: conciliando heterogeneidade, cidadania e inovação em rede. In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010. p. 53-63.

\_\_\_\_\_. Letramento multimodais críticos: contornos e possibilidades. *Revista Crop*. Revista do Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. São Paulo. n. 12, 2007. p.108-144.



COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. *Multiliteracies: literacy learning and the design of social future*. New London Group. Routledge, 2000.

GEE, James P.; HAYES, Elisabeth R. *Language and learning in the digital age*. Routledge: New York, 2011.

GOMES, Luiz F. *Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital*. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramentos e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p.15-61.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. Introduction. In: LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *Digital literacy: concepts, policies and practices*. Nova York: Peter Lang, 2007.

\_\_\_\_\_; SNYDER, Ilana; GREEN, Bill. *Teachers and technoliteracy: managing literacy technology and learning school*. Australia: Allen & Unwin, 2000.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (org). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MITTMANN, Solange. Movimentos sociais no ciberespaço: o cruzamento de duas ordens discursivas. In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010. p. 91-102.

MOITA LOPES, Luiz P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trab. Ling.*, Campinas, 49 (2), jul./dez.2010. 393-417.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SNYDER, Ilana. *The literacy wars: why teaching children to read and to write is a battleground in Australia*. Sydney: Allen & Unwin, 2008.

\_\_\_\_\_. Beyond the hype: reassign hypertext. In: SNYDER, I. (org) *Page to screen: taking literacy into the electronic era*. New York: Routledge, 1998. p. 125-148.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.





\_\_\_\_\_. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Edu. Soc., Campinas, vol. 23, n.81, dez, 2002. p.143-160.

STREET, Brian V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. What's "new" in new literacy studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current issue in comparative education, teachers college*. Columbia University. May, 12, 2003. p. 77-91.

\_\_\_\_\_. Entrevistado por Gilcinei T. Carvalho e Marildes Marinho. Tradução de Gilcinei T. Carvalho. *Revista Língua Escrita*. Belo Horizonte, n. 7, jul./dez. 2009. p. 84-92. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/nomade/midia/docs/250/phpWzE9I2.pdf> acesso em 13/04/2011.

XAVIER, Antônio C. *A Era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.